

## **ESPIRITUALIDADE NO MUNDO MODERNO I**

### SPIRITUALITY IN THE MODERN WORLD I

O presente número da Revista Brasileira de Filosofia da Religião tem como tema central de seu dossiê um assunto amplo e que, atualmente, tem sido bastante discutido. A espiritualidade no mundo moderno é um tema que engloba tanto as diversas facetas que as religiões mais tradicionais têm assumido na modernidade, quanto as expressões das chamadas espiritualidades não-religiosas, ou seja, expressões não necessariamente vinculadas àquelas grandes tradições religiosas. Temas relevantes para a área de pesquisa como a própria discussão do conceito de espiritualidade, sua definição e delimitação estão aqui contemplados, bem como discussões mais específicas, entre as quais podemos citar: a crítica à religiosidade a partir de argumentos supostamente científicos, a possibilidade de concepção de uma espiritualidade feminista, a transformação das religiões em marcas de mercado ou a possibilidade de um budismo genuíno no Ocidente moderno.

Os artigos aqui apresentados são frutos de trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Filosofia da Religião, realizado na Universidade de Brasília de 27 a 30 de outubro de 2015. Vale ressaltar que este é o primeiro volume de 2016 e, como a periodicidade da revista passou a ser semestral, o segundo volume do ano seguirá com o dossiê sobre o mesmo tema, tendo em vista o elevado número de artigos propostos discutindo essa questão.

O primeiro artigo expõe o estudo que embasou uma das conferências principais do evento. Neste, Kelly James Clark, estudioso de filosofia da religião, ética e relações entre ciência e religião, nos brinda com uma profunda reflexão sobre as críticas modernas à crença em Deus. Neste artigo discorre sobre argumentos de fundo psicologizante que visam questionar a racionalidade da crença religiosa, seja ela em geral ou de outrem. Entre estes argumentos, situa as teorias de Dawkins, Dennet e

Bloom, entre outros. Conforme o autor, ao ouvirmos estes argumentos é como se ouvíssemos que as pessoas só acreditam em Deus devido a um mau funcionamento da faculdade cognitiva, ou seja, de uma racionalidade danificada. Assim sendo, questiona estes argumentos que conduziriam a uma psicopatologização da crença religiosa e, em consequência, uma defesa da racionalidade do ateísmo e agnosticismo.

María José Binetti, investigadora adjunta do CONICET (Argentina), dedica-se no momento a uma linha de pesquisa que se desenvolve em torno de uma proposta de filosofia feminista, propondo a reconstrução da matricialidade como categoria filosófica. Em seu artigo, considera que questões como a morte de Deus, e o ocaso do pai abrem espaço para a retomada da divindade pré-histórica da Grande Mãe como arquétipo de uma nova espiritualidade. Para a autora, a ideia do Deus Pai Criador é o fundamento da dualidade. Ele não engendra nada se si mesmo ou em si mesmo, mas *ex nihilo*. A criação *ex nihilo* pressupõe e afirma a descontinuidade entre sua pura espiritualidade e a materialidade do criado, negando uma relação direta, natural e contínua, instaurando assim a cisão dualista entre o Criador, eterno, absoluto e perfeito, e o criado, temporal, finito, imperfeito o que, por sua vez, causaria também a oposição irreconciliável entre bem e mal. Desse modo, o questionamento do Deus Pai eterno e imutável na modernidade e a possibilidade de revivificação da Grande Mãe como arquétipo fundamental da divindade conduziria à superação do dualismo.

O filósofo e colunista Luiz Felipe Pondé apresenta aqui um ensaio sobre o processo que ele denomina *commoditização* da religião. Este seria observado pelo tratamento da religião como marca construída através das estratégias de marketing e também pela entrada da mídia de massa e das mídias sociais como ferramenta de sobrevivência das “marcas religiosas” que disputam entre si os potenciais crentes, ou como Pondé se refere no artigo, os consumidores desses bens espirituais.

O artigo de Hilan Bensusan, que é professor da Universidade de Brasília, procura mostrar em seu artigo como novas alternativas religiosas emergem do descarte isolado de cada uma das três proposições que são comumente associadas ao fato de acreditar em Deus. Estas proposições que podem ser resumidas como: Deus atualmente existe; Deus tem uma natureza definida ou uma essência; e, Deus é independente do resto do mundo, já foram, segundo o autor, negadas tácita ou explicitamente por

pensadores como Meillassoux, Levinas e Whitehead. A partir da rejeição dessas proposições pelos filósofos citados, parece abrir-se a possibilidade de um teísmo diferente que favoreceria o diálogo com aqueles que não acreditam em Deus.

Já Maria Clara Bingemer, teóloga e professora da PUC-Rio, traça em seu artigo a distinção entre religião e espiritualidade, tomando a primeira no sentido institucional e a segunda como uma vivência humana fundamental, que pode se exprimir de várias maneiras. Aponta uma tendência moderna ao esvaziamento da religião institucional ao lado do incremento das propostas espirituais independentes das tradições e organizações religiosas institucionalizadas. Por fim, tenta responder à questão implícita no seu próprio título que seria se o crescimento da espiritualidade implicaria no decréscimo da religião institucional.

O professor Etienne Alfred Higuier traz um estudo a partir de Jean-Luc Nancy que, segundo ele, opera uma desconstrução da noção de adoração da espiritualidade cristã tradicional e de uma série de outras noções cristãs. Esta análise é construída a partir do conceito de *ad-oração*, nas suas diversas conotações e conexões, mostrando, pela comparação com a visão tradicional da teologia católica como Nancy propõe uma espiritualidade não religiosa para o tempo presente, através de um esvaziamento da dimensão religiosa (cristã) da espiritualidade e de uma releitura ateia da relação com Deus e de todo o vocabulário religioso.

A seguir, Davison Schaeffer, Doutor em Ciência da Religião pela UFJF, discute a delimitação do conceito de espiritualidade a partir de uma abordagem filosófica da subjetividade. Para tanto, explora as reflexões de Schleiermacher acerca da religião, uma vez que, para o autor, esta teoria expõe os contornos básicos de uma abordagem filosófica sem retrair-se às dimensões dogmáticas e eclesiais.

Transcendendo as fronteiras do Cristianismo, que lidera as reflexões apresentadas nesse número, Antonio Madalena Genz adentra a discussão da possibilidade real da prática budista na modernidade Ocidental. Para tanto, discute a crítica formulada por Slavoj Žižek, para quem, o Budismo, ao ser assimilado no Ocidente, se apresentaria como portador de uma atitude conservadora e reacionária, funcionando como instrumento de adaptação a esse espírito do tempo. Em

contraposição, evoca a perspectiva de monges reconhecidos e atuantes no que pode ser denominado de *budismo engajado*.

Dois textos interessantes ainda complementam esta discussão. Vitor Grando da Silva Pereira apresenta o tema da afirmação da onipotência divina, discutindo possíveis paradoxos decorrentes dela, como as contradições lógicas de afirmações acerca das infinitas possibilidades de ação de Deus. Apresenta como exemplos o paradoxo da pedra e a questão sobre se Deus pode pecar.

No artigo seguinte, José da Cruz Lopes Marques apresenta de modo abrangente as relações entre fé e angústia no pensamento de Søren Kierkegaard. Para encerrar o presente número, Luís Gabriel Provinciatto resenha a obra de Michel Henry “Eu sou a Verdade: por uma filosofia do Cristianismo” e Vitor Grando da Silva Pereira oferece sua tradução do texto de Richard Swinburne “Por que Hume e Kant estavam errados ao rejeitar a teologia natural”.

Desejando que este conjunto de artigos se revele uma ótima leitura a todos os interessados em Filosofia da Religião, desde já, lembramos que o próximo número trará outras discussões apresentadas no VI Congresso da ABFR, complementando ainda mais as diferentes perspectivas sobre o tema central do evento: Espiritualidade no Mundo Moderno.

*Cecilia Cintra Cavaleiro de Macedo*

Professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (UNIFESP); Coordenadora do GT Filosofia da Religião (ANPOF); Pesquisadora líder do Núcleo de Pesquisas em Filosofia Islâmica e Judaica (NUR); Editora Responsável da Revista Brasileira de Filosofia da Religião

